

# A MINORIA INVISÍVEL: Imigrantes Brasileiros em Nova York

Maxine L. Margolis\*

(Traduzido do inglês por Sidney da Silva)

## O Êxodo

Em março de 1990, através de um pronunciamento pela televisão, três dias antes de tomar posse como presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello fez um apelo: "Não saiam do Brasil. Fiquem aqui, me ajudem". Ele estava obviamente se referindo à recente onda de emigração no Brasil. Durante a última década, devido à recessão econômica no Brasil, vários milhares de brasileiros têm deixado o país, migrando para o exterior. Este é um fenômeno completamente novo e que foge aos padrões da história e do caráter brasileiros.

Histórias deste êxodo enchem as páginas dos jornais e revistas brasileiros. A Folha de São Paulo noticiou que, no começo de 1989, 2 mil nipo-brasileiros partiam mensalmente para o Japão. Nos primeiros dois meses de 1990, 700 brasileiros de ascendência espanhola solicitaram documentos de cidadania no consulado espanhol em São Paulo - enquanto só houve 90 solicitações ao longo de 1989. O consulado italiano daquela cidade também foi sitiado e emitiu uma média de 550 passaportes por mês a brasileiros cujos ancestrais vieram da Itália. A revista Veja publicou duas matérias de capa sobre brasileiros partindo

para Toronto, Lisboa, Paris, Londres, Roma, Sydney e diversas cidades dos Estados Unidos. E conforme dados do governo, entre 1986 e 1990, aproximadamente 1,4 milhão de brasileiros deixaram o país e não retornaram.<sup>1</sup>

A consciência da emigração no Brasil não depende dos meios de comunicação de massa. De um jeito genuinamente brasileiro, as brincadeiras a respeito do êxodo se espalham: "Só há uma saída para a crise socioeconômica brasileira", diz uma delas, "O Aeroporto". E muitas pessoas nas grandes cidades do Sudeste do Brasil - Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo

Foto enviada pela autora



Esta é a Rua West 46th, em Nova York, também conhecida como Little Brazil, por suas lojas e restaurantes que atendem aos brasileiros - turistas e residentes - onde é comemorada a data de Independência do Brasil, 7 de Setembro.



- conhecem pessoalmente alguém que foi embora.

Neste trabalho abordarei apenas uma das facetas deste êxodo - os imigrantes brasileiros na cidade de Nova York. Apresentarei uma visão geral dos brasileiros como um novo ingrediente da mistura étnica da cidade: quantos são, quem são e de onde vieram, que trabalhos exercem e por que deixaram a sua terra natal?! Desta forma, destacarei duas questões - a classe social e a etnicidade - as quais são centrais para entender a natureza da imigração brasileira, questões estas que emergiram várias vezes durante os quatorze meses de meu trabalho de campo na cidade de Nova York.<sup>2</sup>

O fluxo migratório brasileiro é muito recente, embora seja difícil determinar a sua real dimensão. Com certeza, sempre houve brasileiros vivendo nos Estados Unidos. O censo americano de 1980 registrou algo em torno de 44 mil brasileiros natos. Não há dúvida de que a quantidade de brasileiros nos Estados Unidos aumentou consideravelmente durante a década de 1980, uma vez que o Brasil começou a sofrer uma série de crises econômicas. Hoje ainda não se tem dados fidedignos sobre a imigração brasileira nos Estados Unidos, tornando impossível se calcular o número preciso dos brasileiros que residem neste país. O principal problema com tais estimativas é que uma porcentagem considerável de brasileiros, porém ainda desconhecida, vive nos Estados Unidos na situação de indocumentados. De qualquer forma, usando as mais variadas fontes eu acredito que há entre 80 e 100 mil brasileiros na grande Nova York que inclui áreas periféricas da cidade e partes do Estado de New Jersey e Connecticut, e pelo menos de 350 a 400 mil nos Estados Unidos como um todo.<sup>3</sup>

## Por que saem?

Há várias razões que explicam o crescente fluxo emigratório em um país que não tem história ou tradição em emigração. Os brasileiros da cidade de Nova York como também em qualquer parte dos Estados Unidos são considerados como exilados econômicos fugindo das condições de hiperinflação, desemprego, baixos salários

os, aumento do custo de vida e de uma situação de constante insegurança econômica no país. Os brasileiros em Nova York frequentemente se referem a eles mesmos como "imigrantes econômicos", e esta denominação parece apropriada; cerca de dois terços das pessoas do meu universo de pesquisa mencionaram razões econômico-profissionais para vir para este país.<sup>4</sup> Além do mais, elas sabem muito bem o que foi que as atraiu para cá: comparados com os empregos no Brasil, os empregos nos Estados Unidos pagam salários suficientemente altos, permitindo-lhes poupar uma soma considerável de dinheiro. Pode-se poupar dinheiro e tempo. Inúmeras vezes, contaram-me que no Brasil, depois de vinte anos de trabalho, adquirir uma casa continua sendo um sonho inatingível para muitos, enquanto nos Estados Unidos, os salários poupados depois de um ano de trabalho podem significar uma entrada para uma casa ou um apartamento.

A inflação desenfreada no Brasil é um dos principais culpados. Embora tenha sido controlada no final dos anos 80, a inflação voltou a subir em 1990 e, em 1993, atingiu 2.500% anuais, um recorde nacional. Como resultado da inflação, o salário real no Brasil caiu 80% durante a última década. Com um salário mínimo mensal de aproximadamente 65 dólares, e uma renda *per capita* equivalente a um décimo da dos Estados Unidos, é fácil entender porque os brasileiros julgam os salários norte-americanos tão atrativos. Porém, é importante enfatizar que os brasileiros que vêm para Nova York não são trabalhadores que ganham salário mínimo. No Brasil, muitos dos novos imigrantes tinham cargos profissionais ou semiprofissionais que pagavam bons salários para os padrões brasileiros. Mesmo assim, os salários brasileiros empalidecem em comparação com o que os imigrantes podem ganhar nos Estados Unidos, inclusive nos empregos mais servis.

Do ponto de vista de muitos imigrantes brasileiros em Nova York, um dos aspectos mais preocupantes da crise econômica no Brasil, e o que mais incentivou a migração de alguns, é a dificuldade para se conseguir trabalho no campo de especialização de cada um. Os diplomas de advogados, engenheiros, agrônomos, psicólogos

e outros profissionais são inúteis, uma vez que eles não conseguem um emprego apropriado para aplicar seus conhecimentos. Este é o clássico desencontro entre oportunidade e expectativa, há muito tempo identificado como causa da migração internacional. Alguns são mais contundentes; a razão pela qual deixaram o Brasil, segundo um considerável número de informantes com formação profissional, foi a impossibilidade de se conseguir empregos decentes que pudessem desenvolver as suas capacidades.

A combinação de salários relativamente baixos, os preços que mudam constantemente devido a inflação galopante e a desnorteante incerteza sobre o que o amanhã trará, provocaram entre muitos brasileiros, uma melancolia inusitada acerca do futuro econômico do país e o seu lugar no mesmo. Este pessimismo preocupante também estimulou a emigração. No final dos anos 1980 e começo dos 1990, as condições econômicas no Brasil eram descritas como "as piores do século". As coisas estão tão mal, disse-me um informante, em março de 1990, que se houvesse cinco jumbos a jato por dia saindo do Rio de Janeiro ou de São Paulo para Nova York e Miami, e se os brasileiros conseguissem vistos de turista, todos os aviões partiriam lotados.

## Quem são eles ?

Quem são realmente esses imigrantes brasileiros em Nova York ? Hoje em dia, por exemplo, os brasileiros na cidade estão quase uniformemente divididos entre homens e mulheres - 54% e 46% - embora eu acredite que, anteriormente ao intenso movimento migratório, a proporção entre os sexos fosse menos equilibrada, com talvez 70% de homens e 30% de mulheres. A população brasileira na cidade de Nova York é indiscutivelmente jovem. Trinta e seis por cento dos meus entrevistados tinham menos de 30 anos e somente 5% tinham mais de 50 anos. Mas o estado civil de homens e mulheres varia; 44% dos homens estavam casados, quando os entrevistei, comparado a 29% das mulheres. Dois terços da amostra não tinham filhos e entre os que os tinham, uma proporção significativa deles (42%) deixou sua prole



vivendo com parentes no Brasil.

A composição racial da população brasileira na cidade de Nova York pertence decididamente ao extremo mais claro da escala de cor, tornando-a atípica em relação ao Brasil como um todo. Vale lembrar que 83% dos brasileiros incluídos no universo da pesquisa eram brancos, 8% eram mulatos ou mulatos claros, e 8% eram negros. Dessa forma, os negros e as outras pessoas de cor abrangem 16% da amostra efetuada em Nova York, representando uma pequena fração dos aproximadamente 45% registrados no censo de 1980, para a população brasileira como um todo.

Os imigrantes brasileiros na cidade de Nova York não representam o espectro total da estrutura de classes de seu país. Uma porcentagem bem maior de imigrantes brasileiros da amostra de Nova York pertence à classe média, média baixa, e uma porcentagem bem menor deles é da classe trabalhadora ou baixa, em oposição aos brasileiros em sua terra natal. Eles são também mais bem preparados que seus compatriotas: 46% frequentaram a universidade e, destes, 31% concluíram a graduação. E os quadros para as mulheres brasileiras em Nova York são ainda mais surpreendentes; quase 60% possuem alguma formação universitária.

Quanto à procedência dos mesmos, 79% dos imigrantes brasileiros em Nova York são de Minas Gerais e do Rio de Janeiro - 41% e 38% respectivamente da minha amostra. Muitos deles vêm ainda de São Paulo, Paraná e Espírito Santo. Além disso, são predominantemente urbanos; 88% viviam na cidade imediatamente antes de emigrarem.

## Ganhando a vida

Que tipo de empregos os imigrantes brasileiros assumem e qual é o maior setor ocupacional no qual eles e outros novos imigrantes são encontrados em Nova York? O atual mercado de trabalho da cidade parece paradoxal a princípio. Numa fase de grande perda de empregos e do aumento do desemprego, houve ao mesmo tempo uma significativa entrada de novos imigrantes a procura de trabalho. Esta contradição, entretanto, é mais aparente do que real, porque a base econômica da cidade

está passando por mudanças estruturais. Visto que as causas desta mudança estão além do alcance deste artigo, vale ressaltar que tal reestruturação assegurou uma perda dos empregos mais bem pagos no setor da manufatura, com um concomitante aumento dos empregos mal remunerados em dois setores específicos: o setor mais baixo da indústria de manufatura, como também o da prestação de serviços.<sup>5</sup> Estes dois segmentos do mercado de trabalho continuam crescendo e projeções sugerem que a maioria dos novos empregos do período que vai de 1980 a 1995, serão oferecidos por indústrias que pagam baixos salários.

No início dos anos 70, a economia da cidade de Nova York testemunhou uma expansão exatamente daqueles empregos que majoritariamente são assumidos pelos imigrantes mais recentes. Por que imigrantes? A razão é que estes empregos têm uma série de características peculiares que faz com que sejam recusados pelos cidadãos americanos, e muitos empregadores americanos argumentam ainda que, se não fosse a entrada de novos imigrantes tais empregos não seriam preenchidos. Além de serem muito mal remunerados, estes empregos frequentemente exigem esforço físico e condições não muito agradáveis de trabalho, como também requerem trabalho noturno e nos fins-de-semana. Tais empregos proporcionam poucas ou nenhuma perspectiva de progresso e não oferecem segurança. Neste sentido, eles são empregos de baixo status, levando os indivíduos que tenham outras opções de empregos a evitá-los.

Onde os brasileiros se localizam neste contexto? Talvez a mais notável característica dos imigrantes brasileiros em Nova York seja a de que a sua filiação a uma classe social, como também a um determinado nível de formação não tem nenhuma relação com o tipo de empregos ocupados pelos mesmos na cidade. Embora eles sejam expressivamente de classe média e média-baixa, os meus dados sugerem que muitos imigrantes brasileiros em Nova York são indocumentados e têm pouco conhecimento da língua inglesa. Estas duas limitações, em geral os têm direcionado aos mais baixos empregos que a cidade oferece.

Pode-se dizer que é insignificante o

número dos que estão empregados no baixo setor de manufaturas da economia de Nova York. Eles são expressivamente encontrados no setor secundário do mercado de trabalho: o setor de serviços que paga baixos salários. Dessa forma, os brasileiros são contratados como serventes, como lavadores de pratos, ajudantes de garçom, engraxates e vendedores ambulantes. Há também empregados como rádio-táxis e motoristas de limusines, atendentes de estacionamento, como também nos trabalhos que exigem pouca qualificação no setor da construção civil.

A área de restaurantes, na Região Metropolitana de Nova York, talvez seja a mais importante fonte de empregos para os homens brasileiros. Em Manhattan muitos brasileiros trabalham como engraxates. Na verdade, os brasileiros detêm um certo monopólio dos empregos no ramo de conserto de sapatos na cidade e nas áreas próximas às estações de trens, terminais de ônibus e nos edifícios de escritórios.

No tocante às mulheres brasileiras, estas têm tido maiores oportunidades de emprego do que os próprios homens. Os meus próprios dados sugerem que a grande maioria delas, provavelmente mais de 80%, estejam empregadas em algum tipo de serviço doméstico, como diarista, empregadas que moram no emprego, babás e baby-sisters em casas de gente famosa ou menos famosa na cidade de Nova York. Vale ressaltar que assim como os homens detêm um certo monopólio dos empregos de engraxates, as mulheres parecem ter açambarcado o mercado de empregos de "gogo dancers" em bares e boates. Embora seja difícil reunir dados sobre esta atividade, os meus informantes afirmaram que as mulheres brasileiras detêm algo em torno de 80 por cento destes tipos de empregos na área metropolitana de Nova York.

## Divisões Sociais e Etnicidade: Os laços que não Unem

Este breve retrato dos imigrantes brasileiros em Nova York e seus nichos de empregos é o pano de fundo para o que resta de nosso estudo. Quando comecei



este projeto de pesquisa, eu sabia que uma das questões centrais seria: é a classe social uma categoria decisiva entre os imigrantes brasileiros em Nova York? Isto é, a classe social é tão abrangente do estilo de vida dos brasileiros nos Estados Unidos quanto o é no Brasil? Ou será que as diferenças sociais tradicionais se atenuam no refúgio acolhedor de um idioma e uma origem comuns, dado o fato de os imigrantes compartilharem a mesma condição de estranhos numa terra que não é a sua, de estrangeiros na grande confusão de uma cidade desconhecida?

Encontrei as respostas quase que imediatamente. Uma das características mais marcantes da comunidade brasileira de Nova York é o grau em que as diferenças de padrão social se sobrepõem a uma identidade nacional e linguística compartilhada. Mas as divisões a que chamo "classes sociais" não são tão fundamentadas no critério tradicional que as define - condição econômica, educacional e familiar -, pois a maioria dos imigrantes brasileiros de Nova York vem das camadas média e média-baixa de seu país, relativamente privilegiadas. Em vez disso, as diferenças de classe nesta comunidade estão largamente enraizadas nas disparidades de estilos de vida e ocupações, resultantes do caráter servil dos trabalhos realizados por praticamente todos os novos imigrantes e da condição ilegal de muitos deles.

As diferenças sociais entre os brasileiros em Nova York se expressam de uma maneira contrastante, como apresentaremos a seguir. Há brasileiros residentes que chegaram na cidade duas ou três décadas atrás. Alguns vieram de camadas humildes do Brasil, mas conseguiram algum sucesso financeiro com algum tipo de negócio voltado para turistas e brasileiros residentes. Há também a elite de moradores brasileiros, os quais são os executivos e diretores mais bem preparados dos bancos brasileiros e corporações. Alguns estão em atividades temporárias, enquanto outros vivem nos bairros de classe alta há muitos anos. Finalmente temos os novos imigrantes, em sua maioria jovens, com um nível educacional bom, homens e mulheres provenientes dos setores médios da sociedade brasileira, os quais começaram a chegar na cidade de Nova York na meta-

de dos anos 1980.

A estrutura social da comunidade brasileira de Nova York é uma versão atenuada dessa mesma estrutura no Brasil, na medida em que o seu segmento maior e mais pobre não se encontra representado na cidade. No Brasil, a classe operária e os menos favorecidos compreendem 60% da população. No entanto, provavelmente não mais de 10% dos habitantes brasileiros de Nova York são dessa camada inferior; a maioria dos que aqui se encontram, sejam novos imigrantes ou residentes há mais tempo, vem da classe média-baixa para cima. Desta forma, a pirâmide social brasileira de Nova York não tem a ampla base de classe baixa que caracteriza essa sociedade como um todo.

Apesar da ausência quase total do segmento inferior da hierarquia de classes brasileira na sua materialização nova-iorquina, muitos imigrantes da elite e da classe média negam que seja assim. Falar-me repetidas vezes de muitos brasileiros na Big Apple que vêm "de um nível social baixo", que "não têm formação educacional", nem "boas maneiras", ou que "são representantes de uma fatia pobre da sociedade brasileira". Estas observações não são apenas comentários esnobes dos membros da pequena elite brasileira de Nova York, de quem se poderia esperar que considerasse socialmente inferior o restante de sua comunidade emigrada. Muitos membros das classes média e média-baixa também afirmaram haver um grande número de brasileiros morando na cidade diferentemente descritos como semi-analfabetos, de pouca cultura, mais pobres, ou como provenientes de um nível social mais baixo do que o deles na sociedade brasileira. Mas quando se pedia aos informantes para serem mais específicos - com perguntas do tipo "quem são essas pessoas?" ou "onde elas vivem?" -, eles sempre hesitavam. "Bem, não conheço nenhum deles pessoalmente" era uma resposta típica. "Apenas sei que existem porque os ouço falando português errado pelas ruas ou no metrô". Porém, quando lhes pedia nomes e endereços, a história era sempre a mesma! Os informantes não poderiam dar esses detalhes porque, conforme alegaram, não conheciam pessoalmente nenhum brasileiro em Nova York

que viesse de condições tão modestas.

Eu mencionei esta fração ilusória da população brasileira local em conversa com três imigrantes universitários. "É verdade", todos concordaram. "Muitos de nossos conterrâneos em Nova York têm uma formação educacional deficitária e nunca foram além do ginásio". Quando lhes contei que havia conhecido relativamente poucos imigrantes com um nível de escolaridade assim tão baixo, eles alegaram que isto se deu porque os brasileiros com melhor formação educacional estavam relutantes em me apresentar a seus conterrâneos iletrados; "envergonham-se" deles.

Uma outra imigrante ofereceu uma solução mais convincente para o enigma da classe baixa invisível. Ela disse que isto se deve à propensão dos brasileiros de se referirem a "outras pessoas" não especificadas como sendo mais pobres, mais corruptas, menos educadas, ou, de alguma outra forma, inferiores a eles e ao seu grupo social. Esse discurso cultural existente deve ser especialmente confortável para os brasileiros das classes média e média-baixa em Nova York, cujo próprio padrão social torna-se problemático em função de seus empregos de baixo nível como imigrantes. "É possível que estejamos bem pior atualmente", eles parecem dizer, mas "pelo menos nós viemos de boas famílias e temos uma boa formação - ao contrário daqueles outros brasileiros".

Com certeza, está aqui uma dissonância cognitiva - um senso de preocupação que emerge a partir de percepções equivocadas. Como é possível, então, os brasileiros com bom nível de escolaridade trabalharem como lavadores de pratos, empregadas domésticas ou em empregos somente assumidos por aqueles de nível social mais baixo da sociedade brasileira? No entanto, ao insistirem no fato de que os recém-chegados do Brasil são "gente baixa e mal-educada", os membros da comunidade brasileira residente de Nova York podem enquadrá-los numa categoria familiar, tranquilizadora e inteligível. Além disso, ao rejeitá-los como classe baixa - e assim sendo, "felizardos" até por estarem em Nova York - esses membros mais privilegiados da comunidade se distanciam das dificuldades de seus colegas menos





Desfile de Carnaval Brasileiro em Nova York.

afortunados, que fazem o tipo de trabalho desprezível e desagradável que os brasileiros de melhor status sempre evitaram.

Finalmente, a elite pode estar particularmente bem-servida ao ofuscar a origem social dos novos imigrantes de sua terra natal. Reconhecê-los pelo que realmente são significaria reconhecer a realidade de que, devido ao terrível estado da economia brasileira, "classe média" e "brasileiro" estão se transformando em termos cada vez mais contraditórios.

Para não deixar dúvidas ao leitor quanto à dimensão desses sentimentos em relação à classe social, vale destacar as reações de alguns imigrantes brasileiros em Nova York diante de meus dados sobre as classes de origem e as ocupações de alguns imigrantes. As reações - que me pegaram de surpresa - revelam tanto as tensões entre os vários segmentos da população brasileira em Nova York, quanto o desejo de muitos residentes mais antigos de apresentar, para o público americano, uma versão melhorada da sua comunidade como um todo.

Grosso modo, alguns brasileiros não gostam que se espalhe o fato de que muitos de seus conterrâneos exercem trabalhos servis. Como mencionou um deles: "eles não querem lavar sua roupa suja em público".

Durante a minha pesquisa, publiquei em um jornal local brasileiro um breve perfil dos novos imigrantes que estava estudando. Um brasileiro, dono de um pequeno negócio e morador antigo da área, ficou furioso quando escrevi que seus colegas de classe média, com bom nível de escolaridade, estavam trabalhando como domésticas, auxiliares de graça e engraxates em Nova York. Meu artigo, argumentou ele, tratava de apenas um segmento da comunidade e passou aos americanos uma "imagem pobre de seus conterrâneos". Uma comunidade representada por "go go girls", engraxates e empregadas domésticas" seria "menos-prezada" e "confundida com a hispânica". Outro veterano em Nova York culpou-me por não escrever sobre os brasileiros que ocupam posições de maior desta-

que na cidade - artistas, donos de negócios e "brasileiros bem-situados na Wall Street". Um outro ainda fez -me um insistente pedido: "Por favor, escreva sobre histórias de sucesso".

### Por que são invisíveis?

Há ainda um outro aspecto fascinante da emigração brasileira para os Estados Unidos: este novo fluxo migratório tem acontecido sem que a sociedade e os meios de comunicação americanos o percebessem. Os imigrantes brasileiros são uma minoria invisível nos Estados Unidos, por causa da confusão e ignorância sobre o Brasil e a etnicidade brasileira. Para citar um exemplo: uma imigrante brasileira estava solicitando um emprego em uma conhecida companhia em Nova York e foi pedido a ela que preenchesse um formulário de emprego indicando a sua raça e etnicidade. Uma das categorias era: "hispânico do México, da América Central ou da América do Sul". De fato, ela é sul-ame-



ricana, mas decididamente se recusava a ser classificada como hispânica. "Simplesmente não vou fazer isso", disse com convicção. E, a partir daí, começou seu relato de outros problemas similares desde que chegou nos Estados Unidos. Por exemplo, um conhecido americano que ela encontrou começou a conversar com ela em espanhol e se surpreendeu quando ela nada respondeu. O americano insistiu que, sendo ela brasileira, ela deveria falar espanhol.

Neste breve relato, estão incluídos todos os elementos que tornam a identidade dos brasileiros tão problemática, tanto em Nova York quanto em outros lugares dos Estados Unidos. Os brasileiros são confundidos com os hispânicos porque a maioria dos americanos não sabe que o Brasil é totalmente diferente do restante da América Latina. Os americanos não se dão conta que o termo "hispânico" é uma designação incorreta para os brasileiros, pois o seu uso comum refere-se aos de fala espanhola, ou aos seus descendentes - e os brasileiros, é claro, falam português. Enfatizo este ponto porque parte da confusão étnica que cerca os brasileiros deve-se à ignorância americana. A maioria dos americanos, incluindo os que têm um alto nível de escolaridade, simplesmente não sabe que os brasileiros falam português. Eles pensam que o espanhol é a língua nativa do Brasil, e que o português só é falado em Portugal.

Como resultado desta etnicidade labiríntica, uma das primeiras coisas que um imigrante brasileiro aprende a dizer quando conhece americanos em Nova York é: **"I do not speak spanish"** (Não falo espanhol). Da mesma forma que os imigrantes haitianos na cidade não querem ser confundidos com os afro-americanos, os imigrantes brasileiros na Big Apple ficam contrariados quando são identificados como "hispânicos".

Os brasileiros em Nova York relatam histórias sobre confusão étnica com um misto de exasperação e humor. "Que tipo de espanhol você fala?", perguntou uma vez um americano para um imigrante brasileiro. Em uma outra ocasião, depois de uma brasileira dizer para um americano - que conhecera num coquetel - que ela era nascida no Brasil, porém não falava espa-

nhol, o americano respondeu: "Ah, claro, você é brasileira. Aquele é o país onde a classe alta fala português e a classe baixa fala espanhol".

Mesmo assim, o fato de os imigrantes brasileiros não gostarem de ser confundidos com hispânicos é bastante real, e deriva de uma série de razões. O esforço dos brasileiros para se diferenciar linguística e etnicamente dos outros grupos latino-americanos na cidade origina-se parcialmente do orgulho cultural, da unicidade de sua "raça", como eles a chamam. Podemos ir seguindo este rastro no passado até chegar em Portugal, onde, como diz o ditado, "nem bons ventos, nem bons casamentos vêm da Espanha".

Esta atitude também existe no Brasil, uma nação encerrada em si mesma, com uma consciência muito profunda de sua diferença - praticamente isolamento - do restante da América Latina. Os brasileiros foram durante muito tempo indiferentes a seus vizinhos sul-americanos, descartando suas raízes ibéricas comuns, considerando-as sem importância. Desta forma, os brasileiros não se identificam muito com os outros sul-americanos, nem com os hispânicos em geral, quer estejam no Brasil ou nos Estados Unidos. Nas palavras do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, "o Brasil e a América hispânica estão divididos em dois mundos, um de costas para o outro".<sup>6</sup>

Também é verdade que a categoria étnica "hispânico" é desconhecida para a maioria dos imigrantes brasileiros quando recém-chegados a Nova York, pela simples razão de que ela não existe no Brasil. No Brasil, o termo "espanhol" refere-se às pessoas que vêm da Espanha; os habitantes da América do Sul onde se fala espanhol são chamados de bolivianos, equatorianos, chilenos, e assim por diante, mas nunca hispânicos. Porém, se os imigrantes brasileiros não estão familiarizados com o termo "hispânico" quando chegam a Nova York, eles rapidamente aprendem o que significa - e com a mesma rapidez aprendem a insistir que não seja aplicado a eles. A maioria está convencida de que recebe um tratamento melhor por parte dos americanos quando deixa claro que não é hispânica. Falando francamente, os brasileiros afirmam que existe discrimi-

nação contra os hispânicos neste país, e que se os americanos os confundem com os hispânicos, eles também passam a carregar o peso do preconceito anti-hispânico. Desta forma, enquanto os imigrantes haitianos e jamaicanos de Nova York recusam a identidade afro-americana, porque define uma população com padrão de vida e poder limitados, os brasileiros rejeitam a identidade hispânica basicamente pela mesma razão.

Assim sendo, o esforço dos brasileiros para se diferenciarem dos hispânicos deriva também de seu próprio preconceito e elitismo. Os comentários anti-hispânicos não são nada incomuns na comunidade brasileira de Nova York. "Os americanos não sabem que os brasileiros são diferentes dos hispânicos", disse-me um informante do Rio, "que os brasileiros são muito trabalhadores". A maioria dos brasileiros "se considera superior aos hispânicos", explicou um outro. "É por isso que ficamos bravos quando somos confundidos com eles". Com certeza, o elitismo de classe também se faz presente aqui. Como a maioria dos brasileiros de Nova York é de classe média e média-baixa, e muitos têm um alto nível de escolaridade, eles se ressentem quando confundidos com o restante da população latina da cidade, que, em sua maioria, é vista como mais pobre e menos instruída que eles próprios.

Como resultado de sua submersão étnica, um brasileiro disse-me que a migração de seus conterrâneos para a cidade de Nova York é "secreta" e "silenciosa", porque os nova-iorquinos não percebem que está acontecendo. Esta invisibilidade se deve tanto à confusão étnica e linguística por parte dos americanos, quanto ao fato de que os brasileiros são alvo de pouca atenção por parte da imprensa. Além do mais, não há em Nova York uma comunidade brasileira previamente estabelecida na qual os imigrantes recentes possam se integrar. Não há um equivalente brasileiro do Chinatown ou da Little Italy - não há um bairro com uma estrutura culturalmente distinta, que possa contribuir sensivelmente como um novo ingrediente para a mistura étnica da cidade.<sup>7</sup>

Existem muitas evidências de que a imigração brasileira é "secreta" e "silenciosa" - virtualmente ausente da consciên-



cia popular. Por ocasião da abertura do Museu Ellis Island<sup>8</sup>, na baía de Nova York, por exemplo, os meios de comunicação locais dedicaram um espaço considerável ao que chamaram de “novos imigrantes” na mistura étnica da cidade. Um programa especial de televisão - de uma hora de duração e transmitido durante o horário nobre - apresentou clips e cobriu vários aspectos da nova migração, informando sobre imigrantes recentes de pelo menos 15 países. O Brasil não foi mencionado. De forma similar, numa reportagem de capa publicada em 1991 na revista *New York Woman*, sobre a mistura de grupos étnicos na cidade, foram mencionadas 32 nacionalidades, incluindo argentinos, tailandeses, guatemaltecos, trinitários, albaneses e cambojanos, mas não os brasileiros.

Podemos perguntar-nos agora, como os brasileiros em Nova York sentem sua submersão étnica? Um indício para responder a esta questão é a pergunta frequentemente feita por eles: “A geografia não é uma área de estudo reconhecida nos Estados Unidos?”, uma tirada irônica para expressar seu inconformismo em relação à ignorância americana sobre seus vizinhos do sul. Uma história sobre esta desinformação americana, que circulou amplamente na comunidade brasileira, conta que uma americana ligou para o consulado brasileiro pedindo informações turísticas sobre Buenos Aires!

Os brasileiros frequentemente me contaram histórias acerca dos estereótipos fúteis que os americanos têm sobre sua terra. Um brasileiro que trabalha como garçom em Manhattan disse que quando contou para um outro garçom de ele era de São Paulo, seu colega comentou ter ouvido que havia “índios perambulando pelas ruas da cidade”. Uma outra brasileira apontou que é muito frustrante interagir socialmente com americanos, devido a sua desinformação a respeito do Brasil. “Vocês comem cobras?”, perguntam os americanos. “Vocês têm janelas nas suas casas?” Ela disse que os americanos “pensam que a gente vive em cabanas”. Um outro exemplo ilustra ainda melhor estes estereótipos: um grupo de dança de Minas Gerais fez várias apresentações em um teatro de Nova York. O grupo dança balé clássico e mo-

derno. Porém, muitos americanos, ao ouvirem que o grupo era brasileiro, pensaram que assistiriam a um espetáculo de samba, com mulheres praticamente nuas, enfeitadas com penas e vestidas de Carmem Miranda. Isso, disse uma informante, faz parte do “estereótipo de samba, lambada, fio dental e mulatos seminus” que muitos americanos têm do Brasil.

Um brasileiro expressou seu desapontamento pelo fato de que até mesmo os hispânicos nos Estados Unidos não sabem nada sobre o Brasil, mencionando um periódico em espanhol que voltou a capital do Brasil para o Rio de Janeiro, e usou a palavra “carioca” como termo genérico para todos os brasileiros. “Que os americanos, concentrados apenas no próprio umbigo, pensem que o Brasil fica na Bolívia, tudo bem”, disse ele. “Mas quando nossos amigos mexicanos, cubanos, portorriquenhos e outros hispânicos cometem os mesmos deslizos(...) é patético”. Esta foi uma referência irônica à gafe do então presidente Reagan que durante uma viagem ao Brasil, num jantar oficial em sua honra, levantou seu copo e fez um brinde à Bolívia!

## E o Futuro ?

Esta é, portanto, uma breve abordagem dos imigrantes brasileiros em Nova York, um dos mais novos e recentes elementos étnicos visíveis no mosaico étnico da cidade. Embora relativamente pequeno, este segmento da população imigrante de Nova York continua crescendo, uma vez que a economia brasileira continua mergulhada na crise. No entanto, uma outra questão emerge: Pode-se dizer que os imigrantes brasileiros em Nova York são imigrantes temporários que estão na cidade somente o tempo necessário para ganhar dinheiro para realizar os seus sonhos e em seguida voltar para casa? Ou, podemos dizer que eles são de fato imigrantes, pessoas que pretendem permanecer nos Estados Unidos permanentemente? Ou ainda, alguns brasileiros tornar-se-ão migrantes permanentes, os quais permanecem um período de tempo em seu país de origem, e depois retornam aos Estados Unidos e assim sucessivamente?

Posso dizer que na minha pesquisa

descobri que os planos dos imigrantes se confundem. Enquanto uma parcela expressiva, 47% disse que pretendia voltar ao Brasil, cerca de um terço disse ter planos para permanecer nos Estados Unidos e o restante, cerca de 21%, estavam indecisos sobre o futuro. No entanto, mesmo aqueles que continuam a viver nos Estados Unidos não se desligarão do Brasil; não irão deixar de se considerar brasileiros, nem de ir para casa para visitar sua família e amigos; podem até se aposentar em sua terra natal.

Mas, como tantos outros imigrantes que aportaram nestas praias antes deles, os brasileiros verão suas vidas e futuro intimamente ligados aos destinos e ao futuro de seu lar adotivo.

\*Maxine L. Margolis é Antropóloga na Universidade da Flórida, Gainesville, Flórida, USA.

## NOTAS

1- *Folha de São Paulo*, 18 de março de 1990; Veja, “Os Brasileiros vão à luta: Bye-bye, Brasil,” 16 de março de 1988, pp.338-46; Veja, “O Povo da Diáspora,” 7 de agosto de 1991, pp.36-41; Veja, “Invasão à Brasileira,” 4 de dezembro de 1991, pp.80-87.

2- Para uma visão mais completa da minha pesquisa ver: MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in the United States*. Princeton: Princeton University Press, 1994, ou *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas, Papirus Editora, 1994.

3- O censo de 1990 contou apenas 94.023 brasileiros natos vivendo nos Estados Unidos, o que é um número subestimado. Para uma discussão desta questão levantada pelo censo, ver MARGOLIS, Maxine L., “Brazilians and the 1990 United States Census: Immigrants, Ethnicity and the Undercount.” *Human Organization*, Editores.

4- Esta pesquisa foi em parte baseada na Técnica “Snowball sample” (bola de neve) sobre um universo de cem brasileiros na cidade de Nova York. A construção da amostra não foi aleatória por causa da dificuldade de se estimar a dimensão desta população, uma vez que parte considerável da mesma é indocumentada.

5- SASSEN-KOOP, Saskia, “New York City: Economic Restructuring and Immigration.” *Development and Change* 17: 85-119, 1986.

6- Ribeiro, citado em RIDING, Alan, “Allof Giant, Brazil Warms to Neighbors.” *New York Times*, 21 de fevereiro de 1989.

7- Há uma rua em Nova York (West 46th Street) chamada “Little Brazil” por causa de suas lojas e restaurantes que atendem aos brasileiros, turistas e residentes na cidade. Trata-se, porém, de um quarteirão apenas, em nada comparável a bairros étnicos como o de Chinatown, por exemplo.

8- No final do século XIX e no começo deste, Ellis Island, no Porto de Nova York, foi a porta de entrada para a grande maioria dos imigrantes europeus que se dirigiram aos Estados Unidos. O Museu de Ellis Island foi inaugurado em 1990 para manter viva sua memória histórica.